

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Januário Salmos António

GUERRA CIVIL ANGOLANA

Resende

2019

Januário Salmos António

GUERRA CIVIL ANGOLANA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Cel Marco Antônio Costa Cavalieri Brandão

**Resende
2019**

Januário Salmos António

GUERRA CIVIL ANGOLANA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2019.


Banca examinadora:

Cel PTTC Marco Antônio Costa Cavaliere Brandão
(Presidente/Orientador)

Cap Leandro Marino Zumpichiatti – CCOM

Ten Felipe Correa Maciel – CCOM

Resende
2019

	<p align="center">APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOCTRINA NA AMAN</p>	<p align="center">AMAN Mar 2019</p>
---	--	--

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

<p>TÍTULO DO TRABALHO: GUERRA CIVIL ANGOLANA</p>
<p>AUTOR: <u>Januário</u> Salmos António</p>

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o (a) **ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS** a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

O (A) **ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS** poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino do (a) **ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS**.

Resende, 07 de Outubro de 2019

Januário Salmos António
Assinatura do Cadete

Dedico a presente obra, à Deus em primeiro lugar, por sua onipresença e onipotência. Ele é que me guia sempre em todas as minhas jornadas, dando-me chances e me protegendo sempre. Aos meus pais nominalmente, o Sr. Arnaldo António e a Sra. Lúcia Salmos, por me terem nascido em plena graça divina, seu amor e apoio incondicional permitiu na realização deste meu grande sonho, tornar-me oficial do Exército/Forças Armadas Angolanas (FAA) e, também, por terem me dado a educação, incentivo e estímulo para nunca desistir das minhas escolhas, metas e objetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me ter concedido a chance de me unir as fileiras das Forças Armadas Angolanas. Ao Exército Angolano por me mostrar uma segunda casa, o Exército Brasileiro e por me ter dado a oportunidade de cumprir esse longo período de formação e me tornar oficial aqui na Academia Militar das Agulhas Negras. De igual modo a minha família, especialmente meus pais, pois sempre me apoiaram e acreditaram em mim, e que mesmo sob as adversidades da vida era possível vencer. Vós sois o principal vetor da minha árdua e longa jornada.

Ao meu orientador, por sua disponibilidade em auxiliar-me, pois foi com grande satisfação ter sido um orientando do senhor, ao perceber que o senhor renunciou a suas atividades e seu precioso tempo de lazer para dar credibilidade na elaboração e desenvolvimento do presente trabalho. Pois esse trabalho foi concretizado porque o senhor ajudou-me muito.

RESUMO

GUERRA CIVIL ANGOLANA

AUTOR: **Januário** Salmos António

ORIENTADOR: Cel Marco Antônio Costa Cavalieri Brandão

Este estudo tratará a respeito da guerra civil angolana, dando-se ênfase à atuação militar e seus ensinamentos para as conseqüências do uso do poder. Procurou-se verificar os atores não estatais que confrontaram o Estado, bem como as fontes de financiamento dos mesmos. Também foi objeto de estudo identificar a quem interessa a desestabilização do país. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para obtenção dos dados referentes ao tema. Este tema é de grande relevância para o Exército Brasileiro, a fim de que se conheça melhor o histórico desta guerra civil e para que se faça uma reflexão a respeito dos ensinamentos da mesma para a atualidade. Embora os combates tenham terminado oficialmente em 2002, como conseqüências, Angola permanece em crise econômica e social com uma enorme crise de refugiados e milhões de minas terrestres impedindo práticas agrícolas e o desenvolvimento do país.

Palavras-chave: Guerra civil. Angola. Poder. Conflito civil. Divisões étnicas.

ABSTRACT

ANGOLAN CIVIL WAR

AUTHOR: Januário Salmos António

ORIENTER: Cel Marco Antônio Costa Cavalieri Brandão

This study will deal with the Angolan civil war, with emphasis on military action and its teachings on the consequences of the use of power. It was sought to verify the non-state actors that confronted the State, as well as the sources of financing of the same. It was also the object of study to identify those who are interested in the destabilization of the country. The bibliographic research was used to obtain the data related to the subject. This theme is of great relevance to the Brazilian Army, in order to better understand the history of this civil war and to reflect on its teachings for the present.

Although the fighting officially ended in 2002, as a consequence, Angola remains in economic and social crisis with a huge refugee crisis and millions of landmines preventing agricultural practices and the country's development.

Keywords: Civil war. Angola. Power. Civil conflict. Ethnic divisions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo geral	11
1.1.2 Objetivos específicos	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 HISTÓRICO DA GUERRA CIVIL EM ANGOLA	15
2.2 ORIGENS DO CONFLITO	16
2.2.1 Tensões étnicas	16
2.2.2 Quinhentos anos de colonialismo	17
2.2.3 A maldição dos recursos	17
2.2.4 Um breve relato do conflito	18
2.3 ATORES, FINANCIADORES E INTERESSES	21
2.3.1 UNITA	21
2.3.2 MPLA	22
2.3.3 FNLA	23
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	23
3.1 TIPOS DE PESQUISA	23
3.2 MÉTODOS	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
ANEXOS	28
ANEXO 1 – CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA	28
ANEXO 2 – JORNAL O GLOBO NOTÍCIA LUTA PELO PODER EM ANGOLA	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Segundo Cunha (2005), a derrubada do primeiro-ministro de Portugal, Marcello Caetano, em 25 de abril de 1974, foi um divisor de águas para as antigas colônias portuguesas de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. O Movimento das Forças Armadas (AFM) derrotou a ditadura em um golpe quase sem derramamento de sangue, acabando com o domínio colonial português na África.

Assim, Angola alcançou a independência oficial em 11 de novembro de 1975 e, enquanto o palco estava pronto para a transição, houve uma combinação de tensões étnicas e pressões internacionais que desconfiguraram a vitória do povo Angolano, configurando-se assim em uma nova situação sócio-política problemática. Tal como acontece com muitos estados pós-coloniais, Angola ficou com dificuldades econômicas e sociais que se traduziram em uma luta pelo poder entre os três movimentos de libertação predominantes: o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), formado em Dezembro de 1956 como uma ramificação do Partido Comunista Angolano, teve como base de apoio o povo Ambundu e foi largamente apoiado por outros países africanos, Cuba e a União Soviética (CUNHA, 2005). A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), apoiado pelo povo rural Bakongo. E a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), que teve como base uma massa numérica de seguidores entre o povo rural Ovimbundu (FERRO, 1996).

Para Ferro (2009), a origem do conflito civil se deu em função de tensões étnicas, sendo que grande parte da tensão étnica entre as três facções em guerra estava enraizada em diferentes posições dentro da sociedade colonial antes da independência. O domínio colonial resultou na politização da etnia pela combinação e colocação de etnias vastamente diferentes sob um território colonial administrado centralmente. Além disso, o colonialismo agravou as clivagens étnicas, introduzindo e impondo divisões raciais e de classe.

Assim sendo, formula-se o seguinte problema: Quem financia a guerra civil em Angola? Qual o interesse dos financiadores da guerra em desestabilizar o país? Quais os agentes internos e externos que interferiram nos atores não estatais? Os atores não estatais foram determinantes no processo político para a independência de Angola?

Este tema é de grande relevância para o Exército Brasileiro, a fim de que se conheça melhor o histórico desta guerra civil e para que se faça uma reflexão a respeito dos ensinamentos da mesma e, assim, facilitar a compreensão da conjuntura, trazendo reflexões positivas no relacionamento entre os Estados.

Justifica-se este tema devido ao fato de que a guerra civil em Angola iniciou-se pelas mãos dos mesmos grupos que reivindicaram a libertação do país, sendo necessário entender os fatores que impulsionaram tal guerra, contribuindo desta forma para a história contemporânea de Angola e auxiliar na orientação de trabalhos relacionados ao tema para os oficiais do Exército Brasileiro.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar os fatores que ensejaram o início da guerra civil em Angola.

1.1.2 Objetivos específicos

Analisar o histórico da guerra civil em Angola;

Verificar quem são os atores e financiadores do conflito;

Analisar a quem interessa a desestabilização do país;

Verificar qual o papel das superpotências na libertação de Angola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Ferreira (2017), Angola está localizada na costa oeste da África (região sul). Faz fronteira do Norte e Nordeste com a República Democrática do Congo e Congo Brazzaville, a leste com a Zâmbia, o Sul com a Namíbia e a oeste é o Oceano Atlântico.

Possui uma área de 1.246.700 km² e está dividida em 18 províncias, tendo Luanda a sua capital. É o sétimo maior país da África por sua superfície.

Apesar de estar localizado numa zona subtropical, Angola tem um clima que não é caracterizado por esta condição, devido à confluência de fatores como a corrente fria de Benguela ao longo da parte sul da costa e o relevo interior: a influência do deserto da Namíbia (FERREIRA, 2017).

Assim, o clima de Angola é caracterizado por duas estações, a chuvosa, de outubro a abril, e Cacimbo, de maio a agosto, temperaturas mais secas e mais frias. Por outro lado, enquanto a costa apresenta altas taxas de chuvas, que diminuirão de norte a sul e de 800 mts a 50 mts, com temperaturas médias anuais acima de 23 ° C. A zona interior pode ser dividida em três áreas:

Norte com grandes chuvas e altas temperaturas; Planalto Central com uma estação seca e temperaturas médias de cerca de 19 ° C; Sul com faixas de temperatura muito amplas devido à proximidade do deserto do Kalahari e à influência das massas de ar tropicais (FERREIRA, 2017).

Com uma costa atlântica de 1.650 km, onde os rios desembocam em amplos estuários depositando sedimentos arrastando as áreas do planalto, formaram numerosas ilhas, baías e bancos de areia, que se localizam excelentes praias. Enfatize os rios Kwanza, Kubango, Cunene e Cassai. O rio Zambeze faz uma pequena incursão em Angola antes de entrar na Zâmbia (FERREIRA, 2017).

As características climáticas originaram uma diversidade na cobertura vegetal, proporcionando habitats e possuindo uma grande variedade de animais. Em Cabinda, no norte, encontramos a floresta do Maiombe, densa e húmido, rica em madeira e com a presença abundante dos gorilas. As bacias do sul do Zaire e do Kwanza, Kuango e Kuito, todas afluentes do rio Cassai, dominam a floresta e a savana. Na área do planalto é a floresta aberta com características de vegetação e vida selvagem. Mais ao sul é o Deserto do Namíbe, onde podemos encontrar uma espécie de planta, única no mundo, a *Welwistchia Mirabilis* (FERREIRA, 2017).

doméstico. Afinal, a independência angolana ocorreu no auge da Guerra Fria. Na luta global entre o comunismo e o capitalismo, não havia tal coisa como um assunto exclusivamente interno.

De acordo com Ferro (1996), as raízes da Guerra Civil Angolana estão na sua independência do regime colonial de Portugal, que durou quase 500 anos. Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos de independência aumentaram em Angola, como fizeram em outras nações coloniais em todo o mundo. Na década de 1970, os movimentos de independência estavam sendo defendidos por três grupos diferentes.

De um lado estava o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), uma organização marxista que encontrou apoio entre o grupo étnico Ambundu, geralmente urbanizado. O segundo grupo foi a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), apoiado pelo povo rural de Bakongo e propôs a recriação do histórico Império Kongo após a independência. Finalmente foi a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), que teve um forte número de seguidores entre o povo rural Ovimbundu (FERRO, 1996).

Para Rocha (2009), é importante lembrar que esses três grupos étnicos não têm histórico de unidade cultural; eles existiam no mesmo país por causa do colonialismo português e não porque compartilhavam uma identidade ou objetivos comuns para o futuro.

À medida que cada grupo se preparava para a independência, começaram a pensar em como Angola independente seria, o que significava definir a posição do país na Guerra Fria. Este foi um período difícil para muitos países novos, pois era esperado que os estados pós-coloniais declarassem imediatamente a lealdade ao comunismo ou ao capitalismo, e a decisão poderia resultar em ganhar aliados ou enfrentar sanções econômicas e até invasões. Foi uma situação precária (ROCHA, 2009).

O MPLA previu um futuro marxista para Angola e começou a procurar apoio entre as nações comunistas. Cuba imediatamente se tornou seu principal aliado, apoiado pela URSS e pela China. A UNITA e a FNLA opuseram-se ao MPLA e aos seus intelectuais urbanos, que consideravam cúmplices dos colonizadores portugueses, por isso voltaram-se para a outra direção. A UNITA ganhou o apoio da África do Sul e a FNLA ganhou o apoio dos EUA (ROCHA, 2009).

Isso pode parecer muita coisa, mas a preparação para a independência definiu a sociedade angolana pelas próximas décadas. Finalmente, em 1975, a guerra de independência

de Angola estava se encerrando. A independência logo seria uma realidade, e os três movimentos de libertação chegaram a um acordo tácito de compartilhamento de poder (CUNHA, 2005).

No entanto, logo após a independência ter sido finalizada em 1975, o MPLA tomou o controle da capital angolana (Luanda), forçando a UNITA e o FNLA a fugirem. Eles se declararam o governo legítimo de Angola e foram imediatamente reconhecidos por Cuba. Como resultado, a UNITA declarou oficialmente guerra ao MPLA, levando a África do Sul a começar a preparar suas tropas. Quanto a Portugal, eles se recusaram a impor os acordos de paz ou a decisão de dividir o poder e simplesmente se retiraram de Angola com toda a delicadeza que conseguiam, deixando a nova nação dividida em uma batalha tripla pelo poder. A guerra civil angolana havia começado (CUNHA, 2005).

2.1 HISTÓRICO DA GUERRA CIVIL EM ANGOLA

Angola alcançou a independência oficial em 11 de novembro de 1975 e, enquanto o palco estava pronto para a transição, uma combinação de tensões étnicas e pressões internacionais tornaram a vitória fácil de Angola em problemática. Tal como acontece com muitos estados pós-coloniais, Angola ficou com dificuldades econômicas e sociais que se traduziram em uma luta pelo poder entre os três movimentos de libertação predominantes. O Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), formado em Dezembro de 1956 como uma ramificação do Partido Comunista Angolano, teve como base de apoio o povo Ambundu e foi largamente apoiado por outros países africanos, Cuba e a União Soviética (PEARCE *et al.*, 2017).

A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), fundada em 1962, estava enraizada entre o povo Bakongo e apoiou fortemente a restauração e defesa do império do Congo, acabando por se transformar num movimento nacionalista apoiado pelo governo do Zaire e (inicialmente) pelo povo, assim como também pela República da China (PEARCE *et al.*, 2017).

O povo Ovimbundu formou a base da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), criada em 1966 e fundada por um proeminente ex-líder da FNLA, Jonas Savimbi. Depois de sua independência conquistada com dificuldade, no entanto, Angola enfrentou uma nova catástrofe em potencial quando o acordo de divisão de poder entre os três grupos rebeldes entrou em colapso em 1975 (PEARCE *et al.*, 2017).

2.2 ORIGENS DO CONFLITO

2.2.1 Tensões étnicas

De acordo com Rocha (2009), uma razão importante para a continuação da guerra civil após a independência foi o resultado da relutância dos movimentos de libertação dominantes em compartilhar o poder dentro de uma sociedade multiétnica. Ao contrário das antigas colônias portuguesas, o povo angolano lutou contra seus colonizadores em três frentes. O MPLA apelou a uma única frente unida de todas as forças angolanas anti-coloniais, no entanto o seu apelo popular limitou-se em grande parte aos Mbundu (povo Ambundu, que serviu de base de apoio do MPLA), o segundo maior grupo étnico de Angola, e aos Mestiços multirraciais.

O movimento nacionalista do MPLA não apelou ao povo Bakongo, que se reuniu com o líder militante de direita da FNLA, Holden Roberto, para o restabelecimento do antigo Reino do Congo no norte de Angola. Os partidários da FNLA eram em grande parte rurais e permaneciam separados da sociedade colonial, mas sofriam extensivamente com a desapropriação de terras sob as autoridades coloniais nos anos 50. A formação da UNITA em 1966 atraiu a maior base de apoio. O grupo étnico Ovimbundu, embora geograficamente fragmentado, foi amplamente integrado na sociedade colonial e usou a UNITA como veículo para se opor aos grupos étnicos que apoiam a FNLA e o MPLA (ROCHA, 2009).

Assim, enquanto um arranjo de compartilhamento de poder foi acordado depois que a independência foi garantida, as lutas pelo poder se seguiram quase imediatamente, quando o acordo entrou em colapso. Isso foi agravado pela retirada dos portugueses em 1975; recusando-se a impor a paz ou a supervisionar eleições, e deixando de entregar o poder a qualquer partido, os exércitos portugueses saíram de Angola e deixaram o país e o seu futuro por sua própria conta. Foi aqui que o objetivo anti-colonial comum foi abandonado e os três movimentos de libertação dominantes iniciaram uma luta constante pelo poder. Em 1 de agosto de 1975, a UNITA declarou formalmente guerra ao MPLA (ROCHA, 2009).

2.2.2 Quinhentos anos de colonialismo

Segundo Bittencourt (2008), grande parte da tensão étnica entre as três facções em guerra estava enraizada em diferentes posições dentro da sociedade colonial antes da independência. O domínio colonial resultou na politização da etnia pela combinação e colocação de etnias muito diferentes sob um território colonial administrado centralmente. Além disso, o colonialismo agravou as clivagens étnicas, introduzindo e impondo divisões raciais e de classe. Como mencionado, a base de apoio da FNLA e da UNITA foi em grande parte retirada das comunidades rurais que foram severamente afetadas pela expropriação de terras coloniais.

De fato, uma crítica frequente do MPLA pelos seus dois movimentos opostos foi que a sua liderança era amplamente composta por descendentes de portugueses e provinha de posições socioeconômicas privilegiadas. Isto não foi totalmente incorreto, uma vez que os líderes do MPLA eram frequentemente de áreas urbanas e usavam a classe como um elemento duradouro na sua tentativa de obter apoio do proletariado urbano e dos emergentes (BITTENCOURT, 2008).

Ideologicamente falando, os três movimentos também estavam em desacordo. Enquanto o MPLA inicialmente defendia um discurso Marxista-Leninista e mais tarde mudou para um modelo social-democrata, a FNLA rural e a UNITA eram muito mais militantes e de direita, obrigando um desgosto para os apoiadores burgueses do MPLA (BITTENCOURT, 2008).

2.2.3 A maldição dos recursos

Ferro (1996) afirma que Angola abrange cerca de 481.226 milhas quadradas ao longo da costa sudoeste da África, e é notavelmente rica em reservas minerais, incluindo petróleo, ferro, cobre, bauxita, diamantes e urânio. A riqueza em recursos naturais de Angola tornou-se um meio de financiar a guerra em curso entre o MPLA e a UNITA, com ambas as partes a explorar extensivamente as reservas de petróleo e diamantes do país. Durante os anos de guerra civil, a UNITA conseguiu capturar várias grandes minas de diamantes (captando as áreas das Províncias da Lunda Sul e Lunda Norte) que serviam como um recurso primário para o

financiamento de armas e combustível e financiando as campanhas de guerrilha do movimento de libertação contra o MPLA.

Com a independência que se aproximava em 1975, cada um dos três principais contendores começou a garantir os patronos da Guerra Fria. O MPLA solicitou o apoio dos cubanos que tinham uma posição ideológica semelhante, enquanto a UNITA conseguiu assegurar o apoio do governo sul-africano. Os Estados Unidos ficaram do lado da FNLA cada vez mais ineficiente, estacionada no norte de Angola (FERRO, 1996).

2.2.4 Um breve relato do conflito

De acordo com Ferro (1996), após a retirada de Portugal de Angola, o MPLA apoiado pelos cubanos e soviéticos assegurou o controle de Luanda - a capital de Angola - e declarou-se como o novo governo independente de Angola. Reforçando a sua posição estava o fato de ter recebido apoio e reconhecimento de vários outros países africanos; em 1969, a Organização para a Unidade Africana (OUA) referiu-se ao MPLA como o único partido verdadeiramente representativo de Angola, e em 1976 o MPLA foi formalmente reconhecido pela OUA como o governo legítimo de Angola independente.

O período entre 1975 e 1976 caracterizou-se não só pela retirada dos portugueses, mas também pela chegada das forças cubanas e pela invasão sul-africana a Luanda. Além disso, este período viu a derrota da FNLA e a ascensão da UNITA como adversários da regra auto-estabelecida do MPLA (FERRO, 1996).

Segundo Bittencourt (2008), após o golpe português, o apoio interno da FNLA já havia se deteriorado consideravelmente, embora mantivesse relações estáveis com o Zaire e, portanto, estivesse bem armado. Isto levou a FNLA a tentar uma derrubada forçada do MPLA em Luanda, apesar de o MPLA, apoiado por Cuba e pela União Soviética, ter evitado o ataque e posteriormente ter virado o seu antagonismo em relação à UNITA. Enquanto a mais fraca em termos de força militar, a UNITA abrigava o maior potencial de apoio eleitoral, ameaçando assim a posição de poder do MPLA. A FNLA e a UNITA estabeleceram um governo rival no Huambo, pedindo assistência das forças sul-africanas para ajudar a derrubar o MPLA.

O MPLA retaliou com um influxo de cerca de 40.000 a 50.000 tropas cubanas que conseguiram forçar as tropas sul-africanas internacionalmente isoladas, ganhando assim o controle sobre as capitais provinciais. As tropas cubanas permaneceram estacionadas em

Angola como um meio de manter a estabilidade e afastar mais ataques sul-africanos. Em 1977, o MPLA estabeleceu-se firmemente como um partido marxista-leninista, perseguindo um comunismo econômico. O resultado disso, no entanto, foi desastroso, e a graça salvadora de Angola veio na forma de sua indústria de petróleo gerida externamente, que impediu o colapso econômico e militar total. A morte do Presidente Augustinho Neto em 1979 levou à inauguração do antigo ministro do Planejamento do MPLA, José Eduardo dos Santos (BITTENCOURT, 2008).

Entretanto, a FNLA ficou mais fraca no exílio. A UNITA, no entanto, garantiu apoio estrangeiro e se estabeleceu como um efetivo exército de guerrilha. Além da ajuda dos EUA, a UNITA também foi apoiada pela África do Sul. Em 12 de maio de 1980, a Força de Defesa Sul Africana (SADF) lançou um ataque contra a província do Cunene e foi acusada pelo governo angolano de infligir baixas civis. Nove dias depois, a SADF lançou novamente um ataque, desta vez em Cuando-Cubango, incorrendo em ameaças de retaliação militar por parte do governo angolano. Desconsiderando estas advertências, a SADF realizou uma invasão em grande escala através das duas províncias invadidas em 7 de junho. As ações da África do Sul foram condenadas pelo Conselho de Segurança da ONU e pelo Zaire, e Cuba reagiu aumentando suas forças de 35.000 em 1982 para 40.000 em 1985 (BITTENCOURT, 2008).

Embora a UNITA tenha recebido ajuda militar dos EUA a partir de 1985, tornando as suas campanhas mais eficazes, o recém-nomeado MPLA-PT lançou campanhas militares em larga escala contra a UNITA em 1987, o que resultou num impasse, já que nenhum dos lados conseguiu obter o poder de governar o país. Em setembro de 1987 a Batalha de Cuito Cuanavale teve lugar enquanto as Forças Armadas para a Libertação de Angola (FAPLA - o braço armado do MPLA, que se tornou a força armada oficial de Angola quando o MPLA assumiu o poder) avançou para Angola via Cuito. Cuanavale em uma tentativa de expulsar e destruir as forças de guerrilha da UNITA. A SADF - nessa altura ainda maniatada para proteger e apoiar a UNITA - interveio no ataque e interrompeu o avanço da FAPLA e dos seus aliados cubanos, resultando num impasse temporário (BITTENCOURT, 2008).

Segundo Rocha (2009), Em 1988, a África do Sul concordou em conceder independência à Namíbia e cessar o apoio à UNITA em troca da retirada das tropas cubanas de

Angola. Cético quanto a este acordo, o MPLA-PT lançou um ataque na tentativa de capturar o aeródromo de Mavinga, a partir do qual seria capaz de atacar a sede da UNITA. Evidentemente, o MPLA-PT subestimou a força da UNITA e foi forçado a assumir um comportamento conciliador à medida que a UNITA se tornava cada vez mais eficaz nas suas perseguições militares e ataques às instalações petrolíferas. Em junho de 1989, houve negociações entre Savimbi e dos Santos com o objetivo de chegar a um acordo de cessar-fogo. O acordo, no entanto, quebrou logo depois que foi estabelecido.

Este período coincidiu com o colapso internacional do comunismo, que também resultou na deterioração do apoio da Europa Oriental ao MPLA-PT. Isso impulsionou ainda mais as negociações para o estabelecimento de uma nova constituição e o abandono de um estado de partido único. O MPLA afastou-se do seu marxismo-leninista ortodoxo e abandonou o "Partido Trabalhista" (PT) no final do seu nome. Depois de uma eleição (principalmente) livre e justa em que o MPLA recebeu a maioria dos votos, a UNITA acusou o principal partido de fraude eleitoral e retomou a guerra civil. Representantes da UNITA em Luanda foram massacrados no que se especulou ter sido uma insurreição endossada pelo governo (ROCHA, 2008).

Em 1992, a UNITA ganhou o controle de cerca de dois terços do país, incluindo minas de diamantes ricas em recursos, usadas para financiar a guerra.

Os combates continuaram enquanto o governo do MPLA ganhava cada vez mais apoio internacional e reconhecimento dos EUA, do Reino Unido e da África do Sul. A pressão aumentou para que a UNITA e o governo chegassem a uma solução pacífica, mas a UNITA não estava cumprindo. Incorreu em sanções pela ONU após ter quebrado um acordo de cessar-fogo. Em 20 de novembro de 1994, o Acordo de Lusaka foi assinado por ambas as partes na tentativa de chegar a um compromisso; a UNITA cessaria todos os combates e, em contrapartida, seria incorporada no governo. O acordo foi complicado por contínuas tensões, agravadas pela recusa de Savimbi em 1997 em participar da cerimônia em que os membros da UNITA se uniram ao governo do MPLA. Composto estes problemas estava o colapso do regime na República Democrática do Congo, onde a UNITA apoiou o governo devido a antigos laços enquanto o governo do MPLA apoiava a facção rebelde liderada por Laurent Kabila (ROCHA, 2008).

A continuação das tensões acabou por levar à expulsão dos delegados da UNITA do governo. O assassinato de Savimbi em 22 de fevereiro de 2002 levou a negociações entre a

UNITA e o MPLA, resultando em um acordo de paz em abril de 2002 e dando fim a uma guerra civil de 27 anos.

2.3 ATORES, FINANCIADORES E INTERESSES

Ao explicar a fragmentação política de Angola, houve a intervenção econômica e política de potências estrangeiras cujo interesse era a exploração de vários recursos naturais e minerais do território angolano.

Angola é um prêmio extremamente rico, e o regime colonial incentivou o capital estrangeiro a investir milhões de dólares no desenvolvimento angolano. A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha Ocidental, mas acima de tudo os EUA e a África do Sul, exploraram os extensos recursos naturais de Angola, que incluem café, petróleo e diamantes.

Para proteger os investimentos feitos, as potências ocidentais enviaram todos os esforços para criar alternativas ao MPLA apoiado pelos soviéticos, o que, corretamente consideravam, impediria a exploração estrangeira de recursos angolanos se chegassem ao poder.

2.3.1 UNITA

Segundo Pearce *et al.* (2017), o apoio externo desempenhou um papel importante no financiamento da guerra civil de Angola e uma das consequências da Guerra Fria foi o fluxo de financiamento ocidental para a UNITA. Durante a década de 1980, a UNITA recebeu US \$ 80 milhões em armas, treinamento militar e logístico pelo governo sul-africano, enquanto a Força Aérea da África do Sul contribuiu com quedas regulares de armas, munições, remédios e alimentos para as tropas da UNITA.

Além disso, as tropas da UNITA receberam apoio diversificado de outros países africanos; As tropas da UNITA passaram por treinamento no Senegal, Tanzânia e Zâmbia na década de 1970, e receberam ajuda financeira e militar do Egito, Marrocos, Senegal, Somália e Tunísia. Também foi relatado que Israel contribuiu com ajuda e treinamento no Zaire, enquanto vários países árabes, como Arábia Saudita e Kuwait, forneceram apoio avaliado em cerca de US \$ 60 a US \$ 70 milhões por ano. Foi especulado que a Agência Central de Inteligência dos

Estados Unidos forneceu entre US \$ 15 milhões e US \$ 20 milhões por ano em armas, remédios, logística e treinamento (PEARCE *et al.*, 2017).

Durante a disputa de poder entre a UNITA e o MPLA, a UNITA conseguiu financiar as suas ações militares através da venda de diamantes avaliados em US \$ 3,72 bilhões. Em reação a isso, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a resolução 1173 em 1998, que proibiu a compra de diamantes de Angola (PEARCE *et al.*, 2017).

2.3.2 MPLA

Pearce *et al.* (2017) afirmam que enquanto a UNITA obtinha financiamento externo através da venda dos diamantes de Angola, o MPLA recebia a maior parte do seu financiamento da URSS, de Cuba e da República Popular do Congo. Quando, em 1974-1976, a África do Sul interveio em nome da FNLA e da UNITA, Cuba ajudou o MPLA enviando milhares de tropas que permaneciam estacionadas em Angola durante a guerra civil. Enquanto um embargo de armas da ONU na década de 1990 impediu a venda de armas à Angola, dos Santos recorreu a um conhecido francês - o especialista do Partido Socialista Francês na África, Jean-Bernard Curial - que posteriormente persuadiu o filho do ex-presidente francês François Mitterand.

Jean-Cristopher Mitterand apresentou Curial a Pierre Falcone, que no passado organizou vendas de armas para o governo francês. Juntamente com um ex-coronel russo da KGB, Gaydamak, Falcone supostamente estabeleceu uma empresa de fachada na Europa Oriental, que atuava como um meio de enviar equipamentos militares para Angola. Isso incluía tanques, veículos blindados, armas e munições. Evidências das transações de Falcone foram encontradas mais tarde, apoiando as acusações de que Mitterand havia recebido 14 milhões de francos para organizar os negócios. Supostamente, o governo angolano garantiu US \$ 47 milhões em munição e artilharia em 7 de novembro de 1993, que foi então recebido em dezembro. Em 1994, aeronaves e tanques no valor de US \$ 463 milhões foram comprados (PEARCE *et al.*, 2017).

Além do financiamento externo e da ajuda, a exploração e o comércio externo do petróleo e dos diamantes angolanos, contribuíram largamente para as finanças do MPLA (PEARCE *et al.*, 2017).

2.3.3 FNLA

Pearce *et al.* (2017) afirma que durante o período da guerra civil, a FNLA recebeu apoio de várias fontes externas. A França forneceu tropas e ofereceu à FNLA um empréstimo de 1 milhão de libras esterlinas, sem juros, enquanto os EUA apoiaram financeiramente a FNLA ao direcionarem um terço do orçamento do Zaire para a FNLA e a UNITA. O líder da FNLA, Holden Roberto, obteve financiamento de Israel depois de visitas nos anos 60, e as tropas da FNLA foram enviadas para Israel para treinamento. Armas foram fornecidas à FNLA por Israel durante a década de 1970 através do Zaire. Além disso, a FNLA recebeu apoio (armas) da República Popular da China em 1964.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; fichamento das principais referências bibliográficas que foram utilizadas no decorrer do estudo, sem, contudo, tais fichamentos serem apresentados junto ao TCC. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Para a produção textual foi utilizada a pesquisa bibliográfica.

Estudo de natureza qualitativa, descritiva que busca através de pesquisa bibliografia em fontes confiáveis, embasar teoricamente as discussões acerca do tema.

Para atingir os objetivos buscou-se referencial teórico especializado, abordando a problemática em questão em sites da Internet, livros e artigos científicos, no sentido de melhor entendimento quanto à guerra civil angolana.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 44), a pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação.

De acordo com Prodanov (2013, p. 62), nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. Incluem-se, entre as pesquisas descritivas, a maioria daquelas desenvolvidas nas ciências humanas e sociais, como as pesquisas de opinião, mercadológicas, os levantamentos socioeconômicos e psicossociais

Segundo Prodanov (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Para a presente pesquisa utilizou-se os seguintes descritores: guerra civil; Angola; Financiamento; UNITA.

3.2 MÉTODOS

No decorrer de pesquisa realizamos os seguintes procedimentos: apresentação da pesquisa bibliográfica relacionada à temática. Identificamos, inicialmente, trabalhos de autoria de Cunha (2005), Rocha (2009), Ferro (1996), que desenvolvem os conceitos necessários a nossa pesquisa.

Por fim, confrontamos os dados com as hipóteses propostas, verificando como se deu o histórico da guerra civil em Angola, quem são os responsáveis pelo financiamento da mesma e a quem interessa a desestabilização do país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 11 de novembro de 1975, Angola se tornou independente após 400 anos de governo português. Mas ao contrário de Moçambique e da Guiné-Bissau, colônias portuguesas que fizeram uma transição suave para a independência, Angola é atormentada pela guerra civil. Não há movimento único como a Frelimo em Moçambique capaz de assumir o poder em Angola. Em vez disso, três facções armadas lutam pelo país: o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União pela Independência Total de Angola (UNITA), (FERRO, 1996).

O MPLA socialista expulsou os seus rivais nacionalistas da capital, Luanda, onde a sua força entre os moradores da favela trouxe a vitória nas sangrentas brigas de rua. No entanto, 5000 soldados da FNLA equipados com armas modernas desceram das bases do movimento na fronteira do Zaire, a norte da capital. Situadas na periferia da cidade, essas legiões aguardavam a partida iminente de portugueses como uma oportunidade para retomar Luanda. Todas as tentativas de conciliar os três grupos, mesmo os da Organização da Unidade Africana (OUA), falharam. Quando o exército português foi embora, nada impediu a guerra em larga escala (ROCHA, 2009).

Mas mais importante ao explicar a fragmentação política de Angola, foi a intervenção econômica e política das potências estrangeiras. Angola é um prêmio extremamente rico, e o regime de Caetano incentivou o capital estrangeiro a investir milhões de dólares no desenvolvimento angolano. A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha Ocidental, mas, sobretudo os EUA e a África do Sul, exploraram os extensos recursos naturais de Angola, que incluem o café, o petróleo e os diamantes (BITTENCOURT, 2008).

Para proteger estes investimentos, as potências ocidentais enviaram todos os esforços para criar alternativas ao MPLA apoiado pelos soviéticos, que, com razão, consideravam que impediriam a exploração estrangeira de recursos angolanos se chegasse ao poder. O presidente Mobutu do Zaire desempenhou o maior papel de intervenção. Apesar do compromisso das três facções angolanas e da OUA com a integridade territorial de Angola, Mobutu fomentou continuamente tendências secessionistas no enclave rico em petróleo de Cabinda, um feudo de petróleo do Golfo separado do resto do país por um pedaço do Zaire (BITTENCOURT, 2008).

Para além da esperança de Mobutu de que Cabinda fosse uma presa fácil para o Zaire, ele se concentrou em ajudar a FNLA, cujo líder, Holden Roberto, era seu cunhado. A FNLA é essencialmente uma organização tribal dos Bakongo, cerca de 500.000 dos quais fugiram para o Zaire após o abortado levante de 1961, e operavam em larga medida a partir de bases do Zaire.

Como a FNLA não tinha um programa real além do anticomunismo e do tribalismo, o movimento atraiu grande parte do apoio ocidental que foi canalizado através de Mobutu. Os EUA, que aumentaram a ajuda militar ao Zaire, forneciam dinheiro e armas para o movimento através da CIA. A China apoiava a FNLA também em bases anti-soviéticas e os conselheiros chineses treinavam as tropas da FNLA. Tendo adquirido Mirages franceses capazes de bombardear Luanda, a FNLA foi claramente a mais forte das três facções em termos puramente militares (BITTENCOURT, 2008).

A UNITA, por contraste, foi uma organização muito menos poderosa, baseada no planalto central cujo líder, Jonas Savimbi, esperava mediar entre as forças da FNLA e do MPLA. Uma aliança tácita com a FNLA para impedir que o MPLA adquirisse a hegemonia nacional, articulando-se com a estratégia geral das forças anti-MPLA estrangeiras, cujo apoio o Savimbi oportunista era pouco provável de rejeitar (BITTENCOURT, 2008).

Outro fator crucial na situação angolana era a estratégia de sobrevivência da África do Sul. O fim do colonialismo português ameaçava severamente o bloco de colonos brancos que a África do Sul usava como amortecedor contra a África Negra. O governo da Frelimo em Moçambique pretendeu estrangular a Rodésia fechando o seu acesso ao mar; o fluxo de trabalhadores moçambicanos para as minas sul-africanas cessou e a Frelimo permitiu a grupos revolucionários negros que ameaçavam a África do Sul diretamente para operar em seu solo. Além disso, o governo sul-africano investiu fortemente no projeto elétrico do rio Cunene, localizado do outro lado da fronteira angolana, que é necessário para desenvolver o sudoeste da África. Exércitos sul-africanos percorreram o sul de Angola à vontade, penetrando até 150 milhas no interior para limpar a região fronteira de forças hostis (BITTENCOURT, 2008).

O que a África do Sul realmente queria, por razões políticas e econômicas, era a divisão de Angola. Na ausência de um forte regime pró-Occidente, este acordo era perfeitamente aceitável para o Zaire e para os EUA. Se Angola fosse dividida em esferas de influência, poderia ser saqueada à vontade e não representaria ameaça ao status quo regional. Esta é, na verdade, a situação onde cada um dos três movimentos administrava seu setor como se fosse um país separado (BITTENCOURT, 2008).

O obstáculo maior para particionar era o MPLA. Das três facções, apenas o MPLA constituiu um movimento verdadeiramente nacional com mais do que apoio tribal. O MPLA, liderado pela intelligentsia nativa, foi forte entre os trabalhadores e os pobres urbanos, mas também tinha amplo apoio entre os camponeses produtores de café no interior. Enquanto

movimento, o MPLA estava empenhado num programa de democracia direta e mudança social radical, com uma orientação semelhante à da Frelimo. Seus sucessos militares, que superaram em muito a sua aparente força, repousam em um extenso programa de mobilização política popular. O MPLA organizou milícias, comitês de trabalhadores e cooperativas de produção, proporcionando a resistência popular e a distribuição equitativa das necessidades. Através de associações de trabalhadores, estudantes e mulheres, o MPLA iniciou o movimento para a autonomia local, realizando assim o seu programa de poder ao povo. Estas instituições populares são responsáveis pela extraordinária motivação e auto-disciplina que caracterizam as forças do MPLA (BITTENCOURT, 2008).

Savimbi foi morto por soldados governistas em fevereiro de 2002 e, em abril do mesmo ano, foi assinado o acordo de paz. O conflito matou 500 mil pessoas e deixou milhares de pessoas feridas e mutiladas. Embora os combates tenham terminado oficialmente, como consequências, Angola permanece em crise econômica e social. Pois, existência de minas terrestres impedindo as práticas agrícolas e com uma enorme crise de refugiados foi um problema no país mesmo após o cessar-fogo. Outra dificuldade foi a reconciliação. A guerra civil era mantida por pessoas mais ricas, que aliciavam a população mais pobre para lutar ou trabalhar para os movimentos. Muitas vezes, vizinhos ou membros de uma mesma família eram inimigos.

Diante do presente trabalho, salienta-se a importância do conhecimento sobre o histórico da guerra civil angolana, assim como os estudos de História, Geopolítica e Relações Internacionais nos proporcionam uma gama de conhecimento para melhor nos capacitar, sem, no entanto, desprestigiar a importância das demais áreas do saber.

Portanto, todos os objetivos propostos neste trabalho foram atingidos, mas sem, no entanto, esgotar o tema.

ANEXOS

ANEXO 1 – CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA

Consequências da guerra colonial



Fonte: SlideShare, (2019).

ANEXO 2 – JORNAL O GLOBO NOTICIA LUTA PELO PODER EM ANGOLA



Fonte: O Globo, (2019).

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, M. **Estamos Juntos!** O MPLA e a Luta Anticolonial 1961-1974. Volumes I e II. Kilombelombe: Luanda, 2008.
- CUNHA, M. S. **O processo de independência da Angola:** projetos conflitantes. Disponível em: <www.fapa.com.br/monographia>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- FERRO, M. **História das descolonizações.** Das conquistas às independências - séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PEARCE, J.; MARQUES, R.; SILVA, S. S. **A guerra civil em Angola:** 1975-2002. São Paulo: Scipione, 2017.
- ROCHA, E. **Angola:** Contribuição ao estudo da gênese do nacionalismo moderno angolano – 1950 a 1964 – Testemunhos e Estudos Documental. São Paulo: Elsevier, 2009.